



UPDATING ARTICLE

RECONSTRUCTED FAMILY: THE NEW RECONSTRUCTION OF THE CONJUGALITY

FAMÍLIA RECONSTRUÍDA: A NOVA CONSTRUÇÃO DA CONJUGALIDADE

LA FAMILIA RECONSTRUIDA: LA NUEVA RECONSTRUCCIÓN DE LA CONJUGALIDADE

Iana Bezerra Lima

ABSTRACT

Descriptive study, update, aiming to identify the family social changes, the family and its life cycle, rebuilding the family, in your new life cycle to identify the importance of family therapy, this process of re-marriage. This is an issue of timeliness, increasingly frequent, though little discussed in the academic world. In the traditional family, where the couple and children living and paternalism commands, is no longer the only model of relations between people. With this process of change biopsychosocial, economic, the difficulties faced by families have become increasingly constant and conflicting. The family groups disrupted and restructured created new family structures where these new relationships and new roles are more complex than in the traditional family model. The difficulties encountered by families restructured are different, if the assumption that there is a link parent/son before the marriage. In the first marriage, the couple goes through the process of adaptation and creates a bond before dealing with their children, which does not occur in the family rebuilt. Moreover, previous marital experiences can influence poorly resolved in this new reconstruction marriage. **Descriptors:** family; marriage; divorce; family restructured.

RESUMO

Estudo descritivo, de atualização, com o objetivo de identificar as mudanças sociais da família, da família e do seu ciclo vital, reconstruindo a família, no seu novo ciclo de vida para identificar a importância da terapia familiar, neste processo de re-casamento. Trata-se de uma temática da contemporaneidade, cada vez mais freqüente, embora pouco discutido no mundo acadêmico. Na família tradicional, na qual o casal e filhos vivem e o paternalismo comanda, deixou de ser o único modelo de inter-relações. Com esse processo de mudança biopsicossocial, econômico, as dificuldades enfrentadas pelas famílias também se tornaram cada vez mais constantes e conflituosas. Os núcleos familiares desfeitos e refeitos criaram novas estruturas familiares onde estão presentes novos relacionamentos e os novos papéis mais complexos do que no modelo de família tradicional. As dificuldades encontradas pelas famílias reconstruídas são diferentes, se partimos do princípio que existe um vínculo progenitor/filho que antecede o vínculo conjugal. No primeiro casamento, o casal passa pela fase de adaptação e cria um vínculo antes de lidar com os filhos, o que não ocorre na família reconstruída. Além disso, experiências conjugais anteriores mal resolvidas podem influenciar nesta nova reconstrução conjugal. **Descritores:** família; casamento; divórcio; família reconstruída.

RESUMEN

Estudio descriptivo, de actualización, con el objetivo de identificar los cambios sociales de la familia, de la familia y su ciclo de vida, de la reconstrucción de la familia, en su nuevo ciclo de vida para identificar la importancia de la terapia familiar, este proceso de volver a contraer matrimonio. Se trata de una cuestión de oportunidad, cada vez más frecuentes, aunque poco debatido en el mundo académico. En la familia tradicional, donde la pareja y los niños que viven y el paternalismo comandos, ya no es el único modelo de las relaciones entre las personas. Con este proceso de cambio biopsicosocial, económicas, las dificultades que enfrentan las familias se han convertido en constante y cada vez más conflictiva. Los grupos familiares perturbadas y reestructurado creado nuevas estructuras familiares que son estas nuevas relaciones y nuevas funciones más complejas que en el modelo de familia tradicional. Las dificultades encontradas por las familias reestructuradas son hijo antes del—diferentes, si la hipótesis de que existe un vínculo padre/hijo. En el primer matrimonio, la pareja pasa por el proceso de adaptación y crea un bono antes de hacer frente a sus hijos, lo que no ocurre en la familia reconstruida. Por otra parte, las experiencias matrimoniales anteriores pueden influir en mal resueltas en esta nueva reconstrucción del matrimonio. **Descriptores:** familia; matrimonio; divorcio; familia reestructurada.

Psicóloga. Especialista em Gestão Hospitalar. Especialista em Terapia de Família pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE – Recife (PE), Brasil. Consultora de empresas. E-mail: raio_soll@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Quando um homem e uma mulher se casam pela primeira vez, ambos trazem experiências emocionais, sócio-culturais e, muitas das vezes, suportes econômicos das famílias. Mesmo assim, têm expectativas e desejos diferentes em relação ao casamento — com certeza a experiência é diferente para ambos — pois, cada um provém de origem e estrutura familiar distintas. No re-casamento, propriamente dito, a essas experiências são acrescidas as expectativas vividas no casamento anterior, na separação e até mesmo no período de transição entre os diferentes relacionamentos — que são, no mínimo, assimétricas.

O casal recasado não dispõe sempre da privacidade e do tempo necessário para a adaptação de uma vida comum. Nas mais das vezes os filhos de relações anteriores, de um ou de ambos, estão presentes e demandam maiores atenções e cuidados. Assim, a necessidade de um paradigma inteiramente novo para a família recasada, a qual consiste na complexidade de relacionamentos criados pela nova união que teve o curso do primeiro casamento interrompido por morte ou separação, propiciou a união de duas famílias, um recasamento que pode envolver três, quatro ou até mesmo mais famílias.¹

No Brasil um segundo casamento reconhecido por lei só tornou-se possível a partir de 1977, quando o divórcio foi instituído, visto que o re-casamento era apenas um << ajuntamento >>, que até a década de 60 e início dos anos 70, não era socialmente bem aceito, principalmente entre a classe média e a alta. Estudo realizado entre os anos de 1991 a 1998 constatou acréscimo de 32,5% no número de divórcios e separações judiciais, o que quer dizer que uma em quatro uniões se desfaz no Brasil.²

O fato de o divórcio ser uma escolha de um número cada vez maior das pessoas, não significa que passar por esta experiência seja ter uma vivência agradável e prazerosa; ao contrário, o divórcio é, na maioria das vezes, uma experiência árdua e emocionalmente desgastante pela qual os envolvidos passam especialmente se considerarmos que vivemos ainda em uma cultura que preconiza a relação matrimonial até a morte.²

Não podemos furtar a verdade de que nossa cultura vem criando contextos para permitir que todos que se dispõem contrariar a regra << juntos para sempre >>, construam espaços legais e terapêuticos, resolvendo a aparente contradição da noção de eterno,

Reconstructed family: the new reconstruction of the...

tornando o divórcio uma possibilidade socialmente cada vez mais aceitável.²

Enquanto esperavam a aprovação legal do divórcio, a sociedade brasileira foi se transformando de tal maneira que a união informal entre casais foi tornando cada vez mais comum e aceita socialmente, tanto assim que atualmente, mesmo tendo a possibilidade de recasar legalmente, muitos casais preferem apenas << viverem juntos >>.

• Uma compreensão da família brasileira

Admitimos que além de envolver um emaranhado de relações, paralelamente a família, encontra-se a mercê de influências culturais, religiosas, de tradições e costumes, além de fatores sociais e econômicos oferecidos pelo meio. No que tange a estrutura da família brasileira, observa-se características peculiares a cada camada social, situação esta que bem reflete a heterogeneidade social brasileira.

Nas camadas populares notamos um modelo regulamentado pela solidariedade à sobrevivência familiar, assim encontram-se provedores múltiplos que se esforçam para a manutenção do básico para a sobrevivência. Estas famílias também são caracterizadas por um << fluxo de riqueza circular >>, ou seja, os investimentos materiais são passados de pais a filhos e, posteriormente, retornam aos pais.³ Diante desses fatores espera-se uma mudança quanto aos papéis familiares e mesmo quanto à hierarquia familiar, por ora levanta-se uma hipótese da centralidade da relação mãe-filho refletida por um a liderança expressiva da mulher na família.

Em relação à classe média observa-se, prioritariamente, a ascensão do número de separações e divórcios; a inclusão da empregada doméstica no cotidiano familiar; a dedicação e preocupação dos pais em garantir o sustento dos bens e serviços da família e o intuito de criar novas condições de mobilidade social para a segunda geração têm influência na dinâmica familiar na medida em que muda a estrutura familiar.³

Sem dúvidas as mudanças na estrutura familiar brasileira vêm constantemente acontecendo e correspondem a uma ação deliberada, no sentido de um projeto emancipador que possa instituir novos padrões de comportamentos, somente possível por mudanças as quais, na realidade, estão no exterior da família e que afeta de maneira decisiva a esfera da vida social, transformando-a fatalmente.

A família é uma totalidade homogênea, mas num universo de relações diferenciadas, as mudanças atingem de modo diverso a cada

Lima BI.

uma das partes da relação. Nesse sentido, Sarti⁴ afirma:

No mundo contemporâneo, as mudanças ocorridas na família relacionam-se com a perda do sentido da tradição. Vivemos numa sociedade aonde a tradição vem sendo abandonada como em nenhuma época da História. Assim, o amor, o casamento, a família, a sexualidade e o trabalho, antes vividos a partir de papéis estabelecidos, passam a ser concebidos como parte de um projeto em que a individualidade conta decisivamente e adquire cada vez mais importância social.^{4:43}

Entre os trabalhos realizados para melhor entender o padrão de relações familiares na realidade brasileira, há àqueles que têm o objetivo de discutir as crises previsíveis e imprevisíveis da família, assim como compreendê-las nesta realidade.⁵ Partindo da necessidade de atuar na realidade prática, com famílias que atendia em terapia, Cerveny e Berthoud⁵ propõem uma divisão da família ao longo do seu ciclo vital em quatro etapas, de maneira a constituir um modelo que possa representar as características da família brasileira. Vejamo-las:

A primeira etapa é a fase de aquisição, em que a principal preocupação é o aprendizado geral que engloba a formação do casal, o distanciamento da família de origem, a primeira casa, o primeiro filho, e principalmente a escolha de um modelo de família próprio.

A segunda fase é a chamada fase adolescente que diz respeito aos pais com filhos adolescentes, uma fase de adaptação entre duas gerações, onde os valores pré-estabelecidos pelos pais passam a ser contestados pelos filhos. Os próprios pais se questionam sobre suas profissões e posições.

Em seguida vem a fase madura, na qual a geração mais velha necessita, muitas vezes, de apoio, ao mesmo tempo em que filhos estão deixando o lar para formarem as próprias famílias.

Por fim se define a fase última, o casal volta novamente a estar a sós. Seus filhos já constituíram família, e eles podem precisar ajudar os pais, agora idosos.

Cabe salientar, que essas fases não definem por si só a trajetória pelas quais todas as famílias deveriam passar ao longo de seu desenvolvimento, nem mesmo estabelecem rigidamente o começo e o fim de um determinado período. A proposta deve ser entendida como um meio de orientação no estudo do ciclo de vida familiar.

Em relação à dinâmica destacam-se: amor e dinheiro como ideal da família, estudo e

Reconstructed family: the new reconstruction of the...

profissão dos filhos como meta, figura materna com a função de organizar a casa e dar suporte emocional à família, a figura paterna com função de sustentar economicamente a família, os filhos com a função de trabalhar e/ou estudar e finalmente, a realização afetiva por meio do casamento.

Quanto aos outros valores revelados, podemos citar alguns dados especiais como o Natal, a grande data a ser comemorada, onde podemos observar os rituais de trocar presentes e realizar as refeições juntos. Outros valores aparecem em reunião com parentes aos domingos, na morte de familiares, na importância dos estudos como valor a ser passado à próxima geração.

Em relação aos aspectos estruturais que refletem mudanças, as autoras Carter e McGlodrick¹ destacam dados referentes ao alto nível de escolarização da mulher e sua participação no mercado de trabalho, o fato da mulher estar complementando o orçamento familiar, assim como as mudanças adaptativas masculinas acompanhando as transformações da mulher.

Em relação à dinâmica é possível observar que os parceiros estão compartilhando tarefas que no passado eram restritas à mulher ou ao homem. Já em relação aos valores destacam a maior ênfase que é atribuída ao lazer e a menor ênfase a determinados valores como virgindade antes do casamento, nome da família e profissão dos pais.

• As mudanças na família brasileira: a dimensão da individualidade

Vários estudiosos de família começaram seus trabalhos comentando as dificuldades sobre o assunto individualidade, isso por remeter a uma realidade que é próxima e que difunde o que nós somos na nossa identidade pessoal.⁴

Se os estudos sobre família parecem um problema comum, acrescenta-se ainda a análise da família contemporânea pela extraordinária rapidez das mudanças nas suas relações internas ocorridas nas últimas décadas. “Já não sabemos tão claramente o que somos”.^{4:39}

O problema da contemporaneidade seria então o de compatibilizar a individualidade e a reciprocidade familiar. As pessoas ao mesmo tempo querem aprender a serem sós e a estarem unidas.⁴ Para isso temos que enfrentar a questão, abrir o espaço da individualidade. Isto necessariamente insinua outra concepção de relações familiares.

A família é uma esfera social marcada por diferenças complementares, tanto na relação

Lima BI.

marido e esposa quanto entre pais e filhos. O caráter relacional da família corresponde à lógica de sua própria constituição, embora as relações tipo igualitárias implicarem em autoridade pela função de socialização dos menores como instituinte da regra, que mesmo como introdução a individualidade, não passa a idéia de autoridade em si, mas o princípio da hierarquia no qual se baseia a autoridade tradicional.

A sociedade através dos movimentos sociais ou de intervenções terapêuticas de diversos tipos formulou variados projetos ideológicos sobre como agir na esfera da família e da sexualidade, propondo novas formas de construção de trabalho doméstico e de cooperação financeira, questionando a autoridade masculina e dos pais. Revela-se assim, o fato de que vivemos numa época que nunca foi tão repleto de alternativas, ao mesmo tempo tão normativo, simultaneamente emancipador e constringedor.

As conseqüências destas possibilidades atuais foram analisadas pelo sociólogo inglês Giddens⁶, que assim afirma:

[...] quando grandes ares da vida de uma pessoa não são mãos compostas por padrões e hábitos preexistentes, o individuo é continuamente obrigado a negociar opções de estilo de vida. Além disso — e isto é crucial — tais escolhas não são apenas aspectos externos ou marginais das atitudes do individuo, mas definem quem o individuo é.^{6:87}

As escolhas que os indivíduos fazem, na maioria das vezes, dizem respeito a sua identidade. Contudo não se pode esquecer, que nas sociedades tradicionais, o individuo não tinha escolha e não precisava se revelar em cada dia suas ações e hábitos, não podiam escolher e, tampouco, conhecia a angústia de ter que escolher um fenômeno da contemporaneidade.

• Mudança de modelo: novas definições de papéis

A figura da mãe aparece no centro deste novo projeto familiar de educação e proteção dos filhos. A família moderna, como uma família dos sentimentos e da educação, nasce em torno da figuras da mãe e da criança.⁷ Essas figuras, independentemente, estão circunscritas a um espaço cada vez mais doméstico e familiar. Acrescenta ainda que, como parte do projeto educativo, os maridos insistiam para que as mulheres assumam os cuidados dos filhos, renunciando ao uso das amas que durante séculos foram confiadas a elas suas crianças.

Reconstructed family: the new reconstruction of the...

Surgia então o sentimento da maternidade, nascido em nome de uma maior segurança higiênico-sanitária, maior moralidade e responsabilidade na inspiração da construção social e cultural.⁷

Em relação à figura do pai, esta foi construída paralelamente, num processo menos explícito e linear, onde foram mantidas as características de poder e autoridade na forma da família que precedeu este novo formato, os maridos — pais tomam para si a função de promoverem os novos modelos pedagógicos e higiênico-sanitários, relacionados aos filhos e esposas. Na redefinição das relações homem-mulher nos papéis sexuais, logo se perceber uma forma inicial de construção conjugal moderna a qual começa a decidir sobre sua sexualidade e o tamanho de sua própria família. Isso figura como uma decisão do casal em controlar o tamanho da família pelo qual se observa notável queda na fecundidade de mulheres.⁷

Relevante observar a década de 70 do século XX, quando então ocorreu um fenômeno que foi chamado de << a segunda revolução contraceptiva >>. Revolução que passou a se tornar parte dos hábitos dos indivíduos por uso da pílula anticoncepcional e dos dispositivos intra-uterinos. Considerando que o casamento nas sociedades antigas tinha um papel fundamental na continuidade familiar, as estratégias familiares para a escolha do cônjuge eram regidas por um conjunto de mecanismos sociais que levavam sempre em conta as alianças entre parentelas, visando às possíveis vantagens e potencialidades do que viria a ser a união das famílias.⁷

Na realidade a relevância do casamento estava praticamente relacionada a uma associação de famílias e não a concepção do amor ou desejos individuais de cada um do casal. Embora a dimensão sentimental em relação ao casamento esteja presente em qualquer sociedade, o amor era considerado como potencialmente perigoso e destrutivo das estratégias familiares e até mesmo de estabilidade matrimonial.⁷

As transformações sociais e familiares, resultantes da possibilidade contemporânea de escolha amorosa, se fundamentam na ideologia do amor. A partir da existência de uma maior autonomia espacial, econômica e social do casal em relação à família extensa, passa a haver maior concentração na relação conjugal onde se busca solidariedade, afeto e apoio um no outro, construindo um modelo matrimonial com base na intimidade e na cumplicidade dos cônjuges.⁹

Lima BI.

À medida que este modelo pressupõe igualdade e reciprocidade afetiva entre os parceiros, acaba por desencadear uma série de questionamentos quanto ao lugar ocupado pelo homem e pela mulher, não apenas na relação, mas no plano social, inclusive na divisão de tarefas, liberdade individual, liberdade proporcionada pelo trabalho, possibilidade de transitar por território público. Tudo isso acaba por trazer a tona novas questões acerca da relação conjugal.⁹

• Família, casamento e mudanças sociais

A vivência em grupos é inerente à condição humana, inclusive começa logo na dependência materna do bebê para alimentação, proteção e aprendizagem até as agregações sociais que o homem faz parte, mesmo sofrendo variações de cada cultura em relação ao nível de organização e diferenciação. O casamento pode ser definido como “o ato solene entre duas pessoas de sexos diferentes, capazes e habilitadas, com legitimação religiosa e/ou civil”, ou seja, casar significa unir, aliar, aliança”.¹⁰

Historicamente, a família nasceu antes da lei, originalmente com raízes no impulso biológico que unia o homem à mulher com aceção ampla, abrangendo pessoas, bens e até mesmo escravos. Porém, no decorrer dos séculos, a palavra família foi mudando seu significado, passando a compreender apenas as pessoas ligadas pelos laços de parentesco. Hoje, no entanto, a família moderna mudou substancialmente de << cara >>, passando a ter como papel principal o suporte emocional do indivíduo, substituindo um grupo menor com mais flexibilidade e eventual troca de papéis, vivenciando mais intensidade no que diz respeito a laços afetivos.

Disso decorreu o fato do casamento não ser mais a única instituição legítima em torno da qual simplesmente possa nascer uma família, admitindo-se que um grande número de pessoas tem optado em não impor padrões legais, mas por numa questão eminentemente afetiva, pessoal, íntima e privada, buscando estar com alguém para formar um grupo familiar.

A esse respeito Minuchin¹¹ afirma:

O mundo ocidental está num estado de transição e a família que sempre deve se acomodar a sociedade, está mudando com ele. Mas, em razão de dificuldades transacionais, a principal tarefa psicossocial da família - apoiar seus membros - se tornou mais importante do que nunca. Somente a família, a menor unidade da sociedade, pode mudar e, apesar disso, manter suficiente continuidade para criar filhos que não serão “estrangeiros numa terra

Reconstructed family: the new reconstruction of the...

estranha”, que estarão firmemente enraizados, o suficiente para crescerem e se adaptarem^{11:53}.

Destaque é na família onde ocorre o processo inicial de socialização e a noção de individualidade. A experiência humana de individualidade apresenta dois elementos assim representados; o sentido de pertencimento e o de ser separado. O sentido de pertencimento de cada membro é influenciado por seu sentido de pertencer a uma família específica, enquanto que o sentido de separação e de individuação se dá pela participação em diferentes subsistemas familiares, contextos, ou em grupos extra-familiares.

Durante alguns séculos, a família passou pela chamada era patriarcal, modelo organizador de toda a sociedade, onde o homem era quem comandava tudo: mães e filhos tentavam fazer tão somente o que o pai desejava que fosse feito isso sem o menor questionamento. Era uma organização social com base no poder do pai, onde a descendência e o parentesco seguiam a linha masculina, onde as mulheres eram consideradas inferiores aos homens, portanto, subordinadas a sua dominação. A esse respeito Lins¹² afirma:

Esse antagonismo entre os sexos impede uma amizade e um companheirismo verdadeiros, fazendo com que a relação entre homem e mulher se deteriore. As relações conjugais têm sido de condescendência de um lado e obrigação de outro, cheias de desconfianças, ressentimentos e temores. Às mulheres são negadas quase todas as experiências do mundo. Consideradas incompetentes e desinteressantes, ficam relegadas ao espaço privado ou impedidas de crescer profissionalmente. Numa empresa moderna, por exemplo, a remuneração da mulher, mesmo exercendo as mesmas funções do homem, é inferior.^{12:33}

Esta divisão entre superior/inferior, dominador/dominado, dividiu a humanidade em duas metades, ideologia nefasta responsável por desastrosas consequências. Passado esse estado patriarcal, vivenciamos por muitos anos a chamada era matriarcal, onde se tinha com destaque a importância da mulher como poder organizador, passando o pai simplesmente a dizer << pergunte a sua mãe >>.¹²

Com a evolução industrial, desencadeou-se um novo processo, onde muito cedo os pais passaram a levar as crianças à escola. Assim, as crianças começaram a pertencer mais à sociedade que as famílias, surgindo um novo processo de individualização e independência

Lima BI.

onde elas se impõem perante os pais. Isto tem causando atualmente muita dificuldade com relação à educação dos filhos, acreditando-se que este fator também possa ser atribuído à contradição entre as rápidas transformações sociais.¹²

Apesar de os sistemas familiares serem diferentes e possuírem padrões e expectativas conflituosas na nossa cultura atual, torna-se fácil perceber que os casais estão menos amarrados por tradições familiares e mais livres do que nunca para desenvolverem relacionamentos diferentes daqueles havidos nas famílias de origem. Esta mudança representa uma substancial modificação dos dois sistemas para uma sobreposição que desenvolve um terceiro subsistema.¹²

Seguramente isso ocorre se considerarmos que,

Quando se pensa no indivíduo, pensa-se também num sistema-indivíduo, que por sua vez resulta de uma síntese de outros sistemas importantes, dos quais participa. Quando se pensa no “sistema-casal”, inclui-se, automaticamente, o fato de que ele está formado por dois sistemas individuais, que sintetizam mais dois sistemas familiares cada um, além do transgeracional, e do contexto social mais amplo do qual participam, numa crescente complexidade. Quando se pensa num “sistema familiar” simples (pai, mãe e filho) pensa-se em relações de valor decisivo, que respondem a estímulos transgeracionais, a estímulos passados e presentes, bem como a desejos referentes ao futuro. Ou seja, as famílias são “frutos de” e geram seus próprios “frutos para.”^{13:57}

No Brasil as significativas mudanças sociais nos dias atuais repercutem na relação de casais e na maneira como iniciam e mantêm uma relação, sobretudo nessa contemporaneidade onde as mulheres evoluíram consideravelmente e são responsáveis por um significativo percentual da força de trabalho. No aspecto família, o aumento da participação feminina no mercado de trabalho trouxe mudanças relevantes, entre tantas o fato do homem ter perdido o *status* de único provedor e a mulher o de resignação.¹³

Por outro lado, quanto aos homens, os conceitos de frios, auto-suficientes, agressivos, << não choram >>, << têm que ser seguros >>, decididos, fortes, corajosos, são estereótipos do macho e existem desde que os ancestrais masculinos tiveram que esquecer o medo para disputar comida com as feras.¹² A esse respeito Lins¹² relata que:

O homem masculino e o homem dependente não são autônomos. Autonomia implica não

Reconstructed family: the new reconstruction of the...

se submeter às exigências sociais de modo a rejeitar características da própria personalidade consideradas femininas pela nossa cultura. O homem pode ser forte, decidido e corajoso, mas também frágil indeciso e muita vez sente medo, dependendo do momento e das circunstâncias. Pode falar de seus sentimentos, ficar triste e até chorar. O homem autônomo só começa a ter possibilidade de surgir nesse momento, em que o patriarcado decai.”^{12:137}

Assim, é perceptível que a sociedade patriarcal diferenciava claramente os gêneros onde o poder pertencia ao mais forte, posicionando como vítimas ambos os sexos, com maior ênfase nas mulheres, pelo que tornava a vida de ambos menos ricas e mais complexas.¹²

Acompanhando a evolução, as mudanças na vida do casal e da família ocorridas no recente século passado, tornaram de alguma forma o sistema mais frágil e ameaçador da estabilidade do casamento. Nesse caminho, também podemos observar que as separações atualmente ocorrem a qualquer tempo quando diante de qualquer situação conflituosa de relacionamento, especialmente nos momentos mais << críticos >> como, violência conjugal, pressão psicológica, traição, entre tantos outros.

Na evolução do relacionamento do casal, com mais notoriedade na sociedade ocidental contemporânea, parece ocorrer uma busca constante pela liberdade individual, onde se procura manter distância de qualquer coisa que possa impedir ou ameaçar a realização do que se tornou valor absoluto e irrenunciável ao casal e/ou a família reconstruída.

• Ciclo vital da família

Sem contestação, a família é formada por um complexo sistema de relações e interações entre seus membros e o meio em que se encontra e sua dinâmica influencia cada indivíduo em seu próprio desenvolvimento, refletindo uma situação e época social que nos leva necessariamente a conhecer e compreender sua estrutura e dinâmica de maneira continua ao longo do tempo. Assim conseguiremos ter uma ampla visão do seu conceito e retratos dos diferentes momentos, os quais são deveras importantes para a compreensão da evolução e seu desenvolvimento.

Na perspectiva do seu ciclo de vida a família passa por vários estágios, por exemplo, saindo de casa, formando casal, famílias com crianças pequenas, famílias com adolescentes, famílias com filho saindo de casa e famílias num estagio tardio de vida.¹

Lima BI.

Cada uma dessas fases vem acompanhada de mudanças e desafios, requerendo que a família se reestruture para se acomode às novas demandas e mudanças ocorridas, todavia, em algumas famílias o processo transacional ocorre com tranquilidade já que seus graus de flexibilidade são bem maiores do que de outras, conseguindo assim melhor se acomodarem as mudanças.¹

É bem cristalina que notáveis transformações vêm ocorrendo nas últimas décadas na qualidade de vida do homem, considerando que ainda convive com as suas tradições e valores presos ao passado ao mesmo tempo em que se defronta com o conforto e os problemas da modernidade. Por sua vez, no que diz respeito à família, tais mencionadas ocorrências acompanham o desenvolvimento do homem na medida em que esbarram com os valores pré-estabelecidos pela sociedade, os quais passam a ser fonte de conflitos e desarmonias.¹

Carter e McGlodrick¹ relatam algumas possíveis causas para mudanças no ciclo de vida:

Na geração passada, as mudanças nos padrões de ciclo de vida familiar aumentaram dramaticamente, especialmente por causa do índice de natalidade, da expectativa de vida mais longa, da mudança de papel feminino, e do crescente índice de divórcio e recasamento.^{1:13}

Com destaque, Carter e McGoldrick¹ delinearam os seguintes estágios do ciclo de vida familiar¹:

1. Saindo de casa — jovens solteiros: cuja fase está na maneira com que o indivíduo negocia a sua independência com a família de origem, assim como o seu afastamento para que este momento possa estabelecer objetivos pessoais e assumir responsabilidades.

2. A união de família no casamento — o novo casal: diz respeito à união dos parceiros com um novo sistema e assim o estabelecimento de novas relações.

3. Famílias com filhos pequenos: envolve a chegada de um novo membro e a questão da educação deste paralelamente as demais tarefas do casal.

4. Famílias com adolescentes: novos valores são estabelecidos pelo adolescente, muitas vezes, diferentes daqueles dos pais.

5. Lançando os filhos e seguindo em frente: os filhos deixam a casa para tornarem-se independentes, e mais tarde apresentam os cônjuges ao sistema.

Reconstructed family: the new reconstruction of the...

6. Famílias no estágio tardio da vida: os avós procuram se adequar à aposentadoria e aceitar suas condições físicas.

Uma vez encarada a família como um sistema complexo, que se move através do tempo levando consigo toda história, a idéia de união implica na fusão de dois sistemas inteiros, ou seja, os valores, costumes e tradições dos grupos de origem dos parceiros, os quais serão redefinidos para construção de um novo sistema.¹

• As famílias divorciadas nos diversos estágios do ciclo de vida familiar

As famílias são organismos em constante processo de mudanças e que todo processo de mudança encontra o seu maior cume no período de transição entre um estágio do ciclo de vida familiar e outro.¹⁴ Portanto, pela própria natureza, os ciclos de vida de famílias provocam crises naturais e esperadas, que podem ser superadas para haver uma mudança de segunda ordem.

Quando a família está passando por um processo de divórcio, paralelamente as mudanças esperadas no próprio ciclo de vida familiar, existem outras mudanças acontecendo ao mesmo tempo, mudanças essas que estão ligadas à ruptura do núcleo familiar. Considerando-se o divórcio como uma descontinuidade dos esperados estágios do ciclo de vida familiar, existem algumas características relevantes e/ou pontos transacionais onde existem maiores tensões neste processo de separação¹:

1. A hora da decisão de se separar ou divorciar.

2. Quando a decisão é comunicada aos amigos e familiares.

3. Quando discutem questões como arranjos de custódia e visita dos filhos.

4. Quando a separação física acontece de fato.

5. Quando o divórcio judicial acontece.

6. Quando os cônjuges já separados se comunicam sobre o dinheiro ou sobre as crianças.

7. Quando cada um dos filhos se forma, casa, tem filhos ou ficam doentes.

8. Quando cada cônjuge casa novamente, muda geograficamente, adocece ou morre.

Para tomar a decisão de se divorciar, um dos cônjuges ou ambos passam por processo que chamamos de << divórcio emocional >>. Isso significa a << saída >> ou desinvestimento emocional em que não há mais interconexão conjugal ou o desejo de permanecer junto do parceiro ou parceira. É um período de luto de

Lima Bl.

tudo o que representou a família no tempo do convívio.¹

Importante acrescentar que ser divorciado não representa sinônimo de fracasso, ser menos do que ninguém, ser infeliz ou desequilibrado. Muitas das vezes a opção da separação é uma única alternativa para a construção de uma nova vida, a qual não existiria se não tivesse havido a coragem para se questionar a relação a dois. Não se pode deixar de ressaltar que a experiência do divórcio é única para cada família e que varia de acordo com as fases de desenvolvimento individual de seus membros, bem como do estágio do ciclo de vida pelo qual estão passando essas famílias.¹

Identificam-se cinco estágios na família que esta passando pelo divórcio¹⁵:

1. Cognição Individual: um dos cônjuges esta pensando em separar-se e iniciando o processo de desengajamento emocional (divórcio emocional).

2. Metacognição familiar: o segredo é revelado e geralmente a decisão de se separar é mutua.

3. Separação do sistema: a separação física acontece.

4. Reorganização do sistema: novas regras, padrões e fronteiras serão estabelecidas ou redefinidas.

5. Redefinição do sistema: a família já tem resolvido às tarefas dos estágios anteriores, onde as regras e fronteiras já estão definidas e claras.

A visão do divórcio na perspectiva do ciclo familiar, argumentando a experiência familiar dessa separação, vai depender do momento do ciclo de vida da família. Existem alguns estágios da família “divorciada”¹:

1. Divórcio para casal recém casado (sem filhos).

2. Divórcio em famílias com filhos pequenos.

3. Divórcio em famílias com adolescentes.

4. Divórcio em famílias com filhos mais velhos.

5. Divórcio em famílias no estágio mais tardio da vida.

• Família reconstituída: reconstrução da conjugalidade

Uma família reconstituída é realmente criada quando dois adultos se unem formando uma nova família para a qual um ou ambos trazem pelo menos um filho ou não de uma relação anterior.¹⁶

Existe um caminho a ser percorrido desde o casamento ao divórcio e do divórcio à nova

Reconstructed family: the new reconstruction of the...

união entre um homem e uma mulher. Sem mapa para cruzar o caminho, as pessoas não sabem o que irão encontrar pela frente nessa fase de transição, onde as mudanças são constantes e sempre sentidas de maneira diferente por cada um dos envolvidos.¹⁶

Existem alguns fatores capazes de tornar mais funcional o sistema, evitando o cruzamento ou superposição de negociações e dificuldades, tais como: encerrar o relacionamento anterior, resolver o divórcio, a guarda dos filhos e acordar a pensão antes de começar o novo relacionamento.¹⁶

Alguns membros das famílias, ditas tradicionais, conservadoras dos bons costumes do << unidos para sempre, até que a morte os separe >> podem não compartilhar do entusiasmo no novo casal, gerando resistência e/ou dificuldade e grandes conflitos. No entanto, o novo << casal apaixonado >> pode se decepcionar ao criar expectativas, desconhecendo que o entusiasmo da relação dos dois não é suficiente para contagiar outras questões implícitas e explícitas nas relações da nova união, especialmente aos membros das famílias de ambos, que em futuro próximo poderão estar ou não adaptadas com a nova condição familiar.¹⁶

A dificuldade surge pelo fato de não possuímos em nossa cultura padrões ou rituais estabelecidos para nos ajudar a manejar os complexos relacionamentos dos membros dessas novas famílias. Dito isso, temos como famílias misturadas, reestruturadas, madrastra, padrasto, antiga esposa com conotação negativa, aumentam as dificuldades para as famílias que estão tentando elaborar esses relacionamentos. Quando nos referimos ao outro dessa forma, mostramos que dependemos dos relacionamentos passados para definir o presente, ou então enfatizamos uma situação de ausência.¹⁶

O único laço que não se desfaz é o sanguíneo. Pais, mães, avós, nunca se tornam “EX”.^{17:26} Não existe ex-mãe, ex-pai, portanto, em vez de se falar fulano é meu ex-marido, pode-se usar << fulano é pai de meu filho >>. Toda nomeação afirmativa leva a idéias que somam em vez de diminuir; multiplicam-se em vez de dividir.¹⁷

Considerando o re-casamento num processo de ciclo de vida familiar anterior a este evento e posterior ao divórcio, existe uma outra etapa que é a família pós-divórcio, a qual apresenta fases e características também distintas¹:

1. Pós-evento: o primeiro pós-divórcio é experienciado como um desastre natural, um terremoto, com confusões, sentimentos de

Lima BI.

perda e choque, um período de incertezas e questionamentos, onde as definições emocionais, socioeconômicas, precisam e deve estar às claras, mas ainda não foram devidamente elaboradas, definidas e realizadas.

2. Realinhamento: a família passa de um estado de crise para transição, experienciada como uma montanha russa de emoções, ora de euforia, ora de depressão.

3. Estabilização: fase de calma e tranquilidade, onde idealmente os filhos se sentem livres para transitarem de uma casa para outra dos pais, os ex-cônjuges sentem-se à vontade para falarem um com o outro e em terem outros relacionamentos.

O recasamento é um grande desafio, tanto para as famílias quanto para os profissionais que lidam com esta temática pois, o paradigma usado para defini-lo e para tratá-lo se enquadra geralmente na visão do modelo de família intacta, ou melhor, o da família anterior pré-divórcio. Desta forma, a família por definição carrega o peso da história anterior, das expectativas e bagagens de algo que já aconteceu e não deu certo.¹

Bastante necessário olhar essas << Novas Famílias >>, como entidades independentes, onde pessoas que as integram estão neste momento (re)construindo uma nova história, com novas expectativas e os mesmo personagens que faziam parte da história familiar anterior.¹

A falta de uma linguagem de cunho positivo ao referimos a essas << novas famílias >> fazem com que continuemos perpetuando e reforçando a idéia de que há algo << errado >> com este tipo de família. A expressão como << re-casamento >>, << famílias reconstruídas >>, << famílias reestruturadas >>, remetem-nos a significados com preconceitos e múltiplas interpretações de conotação negativa.¹

Assim, por definição, essa família está se formando, já se formou antes mesmo de surgir, formada comparativamente, preconceituosamente, como se ela fosse algo menos comparada à família padrão e/ou tradicional. Com isso faz-se necessário estarmos atentos e considerarmos este aspecto estressante nessas famílias, especialmente quando tiver de lidar com elas.

Algumas características interessantes sobre a questão do recasamento¹:

1. O sentimento de pertencimento leva aproximadamente três a cinco anos, mais tempo se houver adolescentes nesta família.

2. Geralmente as famílias mudam de residência ou de decoração na própria

Reconstructed family: the new reconstruction of the...

residência, para evitar a sensação de estar morando na casa de outra pessoa.

3. Ambos os cônjuges preferem relações distantes.

4. Famílias que tinham experiência com famílias grandes tinham mais facilidade de adaptação quanto às complexidades de um recasamento.

5. Questões mais visivelmente sérias, como disciplina e arranjos de visitas das crianças ficavam mais a cargo do pai/mãe biológico(a).

6. Há uma grande correlação entre satisfação conjugal e conexão dos cônjuges com os seus enteados.

O recasamento, assim como situações do divórcio ou do pré-divórcio, vai sofrendo variações e apresentando características diferentes de acordo com as diversas fases do ciclo de vida pelas quais estão a passando a família¹:

1. Esposos em fases diferentes do ciclo de vida.

2. Esposos na mesma fase do ciclo de vida.

3. Famílias recasadas com crianças pequenas.

4. Famílias recasadas com adolescentes.

5. Famílias em estágios tardios de vida.

Não existe uma fórmula para que se tenha uma previsão de sucesso em um recasamento, porém há questões que parecem pertinentes e merecem ser destacadas¹:

1. A importância de uma relação cooperativa e aberta entre os pais biológicos.

2. A importância de ter-se feito o divórcio emocional do casamento anterior antes de casar-se novamente.

3. A importância de manterem-se fronteiras claras e responsabilidades definidas e assumidas entre os ex-cônjuges, para evitar que a criança não seja colocada na posição de ter que decidir questões que a si não pertence.

4. Permitir que as crianças possam sentir os sentimentos que tenham tanto em relação aos pais biológicos quanto aos padrastos/madrastras atuais, aceitando também que eles sentem um conflito de lealdade para com os pais biológicos.

Tudo na vida é de perdas e de ganhos, cabe-nos ver em cada estágio da nossa vida e do ciclo familiar quais os lutos e os acréscimos a fim que possamos, diante das experiências vividas, poder olhar para trás, aprender com elas e seguir adiante.¹⁸

• Os conflitos de lealdade gerados pelas novas relações familiares de pais recasados

Lima BI.

Os conflitos de lealdade perpassam os membros da família recasada em diferentes momentos de convívio.¹ A percepção dos filhos, por exemplo, na participação da nova família que pode excluir membros da sua família biológica, principalmente os sentimentos positivos em relação à nova família que podem desencadear sentimentos ambíguos, que estamos chamando de conflitos de lealdade. O sentimento de lealdade dos filhos em relação aos pais biológicos é considerado quase universal.¹⁹ Os sentimentos de culpa, ciúmes, raiva, depressão, gerados por conflitos de lealdade interpessoais, sempre surgem entre membros da família recasada.²⁰

Na família nuclear intacta, o compromisso fundamental de lealdade diz respeito à manutenção do próprio grupo. Os membros da família recasada trazem para o novo grupo familiar, por um lado o sentimento de lealdade relacionado ao passado e muito pouca lealdade em relação aos novos membros da família. Tais sentimentos acabam por gerar situações como triangulações familiares. As triangulações familiares são criadas pelos conflitos de lealdade que acabam por dividir o grupo em << times >>.

Visser e Visser²⁰ demonstram como se dão as principais triangulações e conflitos entre os membros da família recasada. Os dois principais conflitos do cônjuge recasado dizem respeito aos sentimentos de divisão entre seu novo par e seus filhos e aos da divisão entre seus filhos biológicos e os enteados.²⁰ O conflito interno dos pais entre o amor pelos filhos e o amor pelo cônjuge é a maior fonte de tensão nas famílias recasadas.²¹

O adulto que recasa pode ter o ex-cônjuge como outra fonte de conflito de lealdade, sendo necessário considerar que o tempo necessário para que o processo de separação conjugal se complete, pois varia de pessoa para pessoa. Os ex-cônjuges passam por várias etapas que incluem desde a decisão individual de separarem-se até a separação emocional de ambos os parceiros. Muitas vezes o recasamento acontece antes que tal processo tenha se completado, devendo atentar que a intimidade com o ex-cônjuge pode gerar conflitos tanto ao casal recasado quanto a nova relação que o ex-cônjuge tenta criar, agora com base no vínculo de coparentalidade.^{1,20, 22}

• A família reconstruída na visão sistêmica

A terapia sistêmica de família surgiu a partir de outros campos da ciência como a cibernética, biologia, química e a teoria geral

Reconstructed family: the new reconstruction of the...

dos sistemas. A cibernética surgiu como disciplina no final da década de 40, fundada pelo alemão Norbert Wiener. Segundo esta teoria, os sistemas são autocorretores em relação à maneira como operam e para isto deve haver a retroalimentação que é um mecanismo capaz de fazer o sistema cibernético funcionar por meio de informações que o sistema recebe e se autocorrigem.

A pesquisa realizada por Bateson²³ introduziu a cibernética na terapia familiar assim como promoveu mudança no modo de pensar, ou melhor, na passagem de uma causalidade linear para a causalidade circular, isto quer dizer que a mudança em um elemento do sistema afetará todos os outros, que são influenciados por eles.²³

A família é um sistema aberto constituído por muitas unidades ligadas ao conjunto de regras de comportamento e funções dinâmicas em constante interação entre elas e intercâmbio com o exterior. A família é um sistema entre sistemas, é essencial a exploração das relações interpessoais e das normas que regulam a vida dos grupos em que o indivíduo faz parte, para que assim haja uma compreensão do comportamento dos membros e da formulação de intervenções mais eficazes.²⁴

Para Andolfi²⁴

Um dos principais objetivos da terapia é aliviar o sofrimento que levou ao pedido de uma intervenção. Numa abordagem sistêmica, sintomas, sofrimentos e loucura não são encarados como perturbações mentais inerentes aos indivíduos, mas como sinal de uma perturbação mais ampla, que afeta e que por sua vez é afetada por outros fatores. Assim, procuramos o significado interativo do comportamento perturbado e as suas implicações na família e no contexto social em que ele apareceu. Para redefinir o problema em termos positivos, se faz necessário, mudar o conceito que está enraizado em todos os membros da família envolvida^{24:15}.

Entende-se que a família como um todo orgânico, é um sistema de interação e um conjunto formado por uma ou mais unidades interligadas. Considera-se também que uma mudança no estado de uma das unidades pode provocar uma nova mudança nas outras unidades.¹⁷

Hoje deparamo-nos com casais homossexuais com filhos de relacionamentos anteriores, famílias em que filhos com diferentes sobrenomes convivem como irmãos, famílias uniparentais gerenciadas por somente um dos progenitores, da mesma forma em que muitas crianças transitam entre diferentes

Lima BI.

casas e convivendo com pais que exercem diferentes opções amorosas e sexuais. Nesse contexto afirma Brun¹⁷:

Muita gente pensa que a família está acabando. Mas a verdade é outra. O que mudou foi o seu perfil e o traçado de suas relações. A família dos dias de hoje se apresenta numa combinação multiforme. É uma família que retrata uma diversidade de paradigmas e nos expõe à complexidade da ausência de uma verdade única que nos oriente. É a família que cada um de nós cria, vive, constrói, desfruta e, às vezes padece.^{17:12}.

As perspectivas do ciclo de vida familiar estão relacionadas aos sintomas e as disfunções em relação ao funcionamento normal ao longo do tempo e é visto a terapia como importante ajuda para restabelecer o momento de desenvolvimento da família. Ela formula problemas acerca do curso seguido pela a família em seu passado, tarefas que tentam dominar e o futuro para o qual está se dirigindo, podendo-se afirmar que a família é mais do que a soma de suas partes. Por sua vez, o ciclo de vida individual acontece dentro do ciclo de vida familiar que é o contexto primário do desenvolvimento humano.¹⁷

Nem sempre o fluir das relações acontece com a tranquilidade desejada. Os conflitos que surgem são variáveis e precisamos entender que estamos vivendo novos tempos e novas formas de viver em família. O que se espera da terapia familiar, é que esse processo estimule mudanças adaptativas ao desenvolvimento humano para que homens e mulheres, pais e filhos, enteados e padrastos, irmãos e irmãs possam ampliar a maneira como se inter-relacionam.¹⁷

Quando se fala em família reconstituída deve-se levar em conta a necessidade de um paradigma de família inteiramente novo que considere os novos relacionamentos e papéis, extremamente, complexos. O grande desafio de hoje está em ajudar as pessoas a encontrarem e negociarem melhor seus lugares no núcleo familiar seja na família primária ou na família secundária.

• Famílias reconstruídas e terapia de família: um encontro de informações

Pesquisas durante o período de agosto a novembro de 2007 evidenciaram a integração de informações entre pesquisadores, terapeutas e membros da família reconstruída que buscam apoio psicoterápico.

A prática clínica de orientação sistêmica aponta para dois fatores relevantes no tratamento de famílias reconstruídas:

Reconstructed family: the new reconstruction of the...

1. Reconhecimento por parte dos terapeutas, das especificidades e do funcionamento das famílias reconstruídas.

2. Utilização das informações sobre as características e funcionamento das famílias reconstruídas, diferenciando-as das famílias do primeiro casamento, como técnica terapêutica.

Sobre a utilização de informações de famílias reconstruídas, se observa:

Acreditamos que informações que normalizem as experiências do recasamento, são os instrumentos clínicos mais poderosos que possuímos, para ajudar as famílias a negociarem as complexidades das relações criadas a partir do recasamento.^{1:419}

A opinião de Kelley¹⁹ coincide com a de Carter e Mc Goldrick¹ quanto ao uso das informações como instrumento terapêutico. As famílias recasadas esforçam-se para enquadrarem-se no modelo ideal de família nuclear, quando não conseguem, acreditam que estão fracassando. O entendimento e a aceitação de diferentes regras de funcionamento familiar, além da noção de que a diferença não constitui um problema, podem representar transformações importantes na integração e nas interações familiares.

Entendemos que o recasamento acontece entre casais capazes de lidar com as propostas de igualdade entre os parceiros e que o exercício da responsabilidade parental deve privilegiar os laços biológicos ou históricos, entretanto, ocorre também entre casais que mantêm uma postura tradicional na qual a divisão de tarefas é feita por gênero e o homem é o principal provedor da família, além de ter uma família por parte do primeiro casamento.

Acreditamos que a complexidade das relações criadas a partir do recasamento, instabilidade inicial e necessidades da construção de relações familiares originadas por este evento, impõem aos terapeutas de família uma reflexão sobre suas abordagens teórico-práticas utilizadas na compreensão dessas famílias. Apesar da existência de uma vasta literatura sobre as causas das dificuldades encontradas pelas famílias recasadas e de inúmeras recomendações feita pelos terapeutas sobre como abordá-las, pouco se sabe sobre os efeitos de tais abordagens na percepção dos clientes.

As diversas configurações familiares possíveis no recasamento são colocadas em um mesmo bloco e chamadas de famílias recasadas. Estamos acostumados a ouvir a expressão terapia de família como se fosse “um empreendimento monolítico, uma

Lima BI.

abordagem programática do tratamento e um conjunto coerente de conceitos e método”^{25:21}. Não há uma terapia de família, mas várias abordagens cada uma conceituando e tratando as famílias de forma diferente, assim como não existe um formato de família no recasamento visto que cada família recasada se constrói a partir da história pessoal de cada membro do casal, com a bagagem de suas relações conjugais e familiares anteriores trazidas por eles.

Nichols e Schwart²⁵ persistem na impressão de uma continuidade linear na história da terapia de família onde as transformações são percebidas como especializações. Esclarecem ainda que nunca existisse um consenso entre os primeiros terapeutas, sobre tudo em relação aos princípios gerais do tratamento na terapia familiar; que a terapia de família foi desenvolvida por um grupo heterogêneo de investigadores que trabalharam em contextos e propósitos bastante diferentes.

Antes mesmo de pensarmos sobre as múltiplas influências que precederam e facilitaram o desenvolvimento da terapia de família ou mesmo das contribuições que as diversas áreas de conhecimento acrescentaram a esse campo, importante lembrarmos que um diálogo entre os membros de uma família, como acontece numa sessão de terapia de família, pode mostrar uma nova possibilidade nas relações familiares, as quais tradicionalmente eram hierárquicas.

A idéia de atender a família ao invés de atender apenas um de seus membros, o paciente identificado, enfatiza que é considerada uma das maiores contribuições da terapia de família para o campo da saúde mental e o entendimento dos comportamentos do individuo no contexto familiar.

Bateson dirigiu o projeto de esquizofrenia, em Palo Alto, EUA, o qual é considerando o marco inicial da Terapia de Família, afirma: “é o contexto que determina o significado”.²³ Assim, no contexto familiar, comportamentos que pareciam estranhos em atendimentos isolados, passaram a fazer sentido, sendo compreendidos como reflexos de uma família que havia se desenvolvido.

Desde o início, os estudiosos e terapeutas de família procuravam mostrar que a família era o contexto dos problemas humanos iguais a outros grupos humanos e que tinha propriedades emergentes (problemas propriamente ditos como mentais, esquizofrenia, psicoses). Uma dessas prioridades explicava que o todo era maior que a soma das partes, independente da variedade de explicações sobre as prioridades emergentes deste grupo humano e acabavam

Reconstructed family: the new reconstruction of the...

por ser divididas em duas categorias: estrutura e processo.

Nas abordagens de orientação sistêmica, a estrutura da família inclui triângulos, subsistemas e fronteiras. Os processos referem-se às interações familiares e são descritos como reatividade emocional e comunicação disfuncional, entre outros. O conceito principal é o da circularidade, que afirma que um todo não possui começo nem fim e que dificulta a atribuição de responsabilidade da origem de um problema familiar a um dos membros da família atendida.

• A terapia familiar

O que acontece com um membro da família certamente afeta a todos os demais. Reciprocamente, a família influencia necessariamente todos seus membros. Isso ocorre porque essa se constitui um organismo vivo, um sistema aberto que desenvolve e se transforma com o tempo. Há provas de que, pelo menos, três gerações se influenciam reciprocamente, definindo regras de funcionamento que variam como o estágio do ciclo de vida e as crises situacionais enfrentadas.

O objetivo da terapia de família é a superação dos conflitos — bloqueios ao desenvolvimento dos indivíduos e do grupo familiar como um todo — visando a criar condições para a individualização de cada um e mantendo a mutualidade do grupo. Os bloqueios são decorrentes de regras interacionais rígidas entre as gerações que não permitem espaço para o crescimento.

• Plano terapêutico

Os objetivos terapêuticos estão relacionados com o estágio e às circunstâncias atuais da vida dos indivíduos e de sua família.

O plano terapêutico será feito atendendo a todos os aspectos do diagnóstico, considerando-se que a família e seus membros mudam com a retirada dos obstáculos ao seu desenvolvimento. É construído em conjunto com os membros da família e pessoas agregadas, sob a liderança de um ou dois terapeutas/mediadores, cujas sessões podem ser no consultório do terapeuta/mediador, ou na empresa, em um espaço confortável e agradável onde não tenha interferências externas. Em sua formulação deve-se considerar a família como um sistema único com experiências pessoais e intransferíveis.

Em geral, trabalham-se muito no presente, deixando-se que apareçam nas sessões, os problemas interacionais sentidos pela família.

Lima BL.

• Duração e frequência das sessões

As sessões, cuja duração média é de 50 minutos, possuem em regra frequência semanal com a participação de todos os membros da família. À medida que a terapia progride, a frequência pode evoluir para a quinzenal ou mensalmente. Poderão se fazer necessárias algumas sessões com membros da família individualmente.

• Duração do processo terapêutico

O processo terapêutico familiar costuma estender-se por seis ou mais meses, em função da evolução do caso. Às vezes, faz-se necessário o uso de técnicas complementares e procedimentos tais como a abordagem sistêmica, técnicas de psicodrama e a mediação familiar, conforme veremos a seguir.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Objetivamos contribuir de alguma maneira em aguçar a memória daqueles que se preocupam com as questões relativas à construção familiar a partir da percepção do fim de uma antiga relação conjugal e a criação de uma nova, mesmo que tenha de enfrentar os percalços e conflitos naturalmente inerentes à antiga e futura relação na busca de outros momentos de felicidade, tanto o novo casal como os filhos remanescentes ou futuros.

É de salutar importância reavivar a todos que vivemos numa sociedade contemporânea na qual somos sobrecarregados de informações de toda natureza. A mídia, de um modo geral, tem abordado o tema da família, do casamento e do re-casamento de forma muito particularizada, ou seja, sempre dirigida às classes mais intelectualmente e financeiramente protegidas. Todavia, vivemos num país onde a maioria das famílias e conjugues vivem na ignorância e vinculadas a preconceitos e respeito às tradições religiosas e sociais. Contudo, sofrem os mesmos conflitos, decepções, infelicidades do casamento, seja qual a sua forma. Todos passam por eles e precisam refazer suas vidas e buscar de alguma forma seus momentos de felicidades, casais, filhos, famílias remanescentes e futuras. Estas pessoas precisam ser psicologicamente ajudadas na resolução dos seus conflitos.

REFERÊNCIAS

1. Carter E, McGlodrick M. The expanded family life cycle: individual, family and social perspectives. 3ª ed. Boston: Allyn & Bacon; 1999.

Reconstructed family: the new reconstruction of the...

2. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Sistema IBGE de recuperação automática (SIDRA) São Paulo; 1998 [online]. [acesso em: 2007 set 16]. Disponível em: <http://www.sidra.ibge.gov.br>
3. Bilac EC. Sobre as transformações nas estruturas familiares no Brasil. Notas muito familiar. In: Ribeiro I, Ribeiro AT. Família em processo contemporâneo: inovações na sociedade brasileira. São Paulo: Loyola;1995.
4. Sarti CA. A família como espelho: um estudo sobre a moral dos pobres. Campinas: FAPESP;1993.
5. Cervený EMO, Berthoud CME. (Org.). Família e ciclo vital: nossa realidade em pesquisa. São Paulo: Casa do Psicólogo;1997.
6. Giddens A. A transformação da intimidade: sexualidade, amor, erotismo nas sociedades modernas. São Paulo: Unesp;1993.
7. Saraceno C. Sociologia da família. Lisboa: Estampa;1988.
8. Sergalen M. Sociologia da família. Lisboa: Terramar;1996.
9. Goode W. The family. Nova Jersey: Prentice Hall Inc;1964.
10. Ferreira A. Novo dicionário da língua portuguesa. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; 1996.
11. Minuchin S. A cura da família: histórias de esperança e renovação contadas pela terapia familiar. Porto Alegre: Artes Médicas;1995.
12. Lins RN. A cama na varanda: arejando nossas idéias a respeito do amor e sexo. Rio de Janeiro: Rocco;1997.
13. Antony I. A escolha do cônjuge: um entendimento sistêmico e psicodinâmico. Porto Alegre: Artes médicas;2000.
14. Minuchin S. Families and family therapy. Cambridge: Havard University Press; 1974.
15. Jablonski B. Até que a vida nos separe: a crise no casamento contemporâneo. Rio de Janeiro: Agir;1991.
16. Simon RM. Questões sobre ciclo familiar no sistema de família. Porto Alegre: Artes Médicas; 1995.
17. Brun G. Pais, filhos & cia ilimitada. Rio de Janeiro: Record; 1999.
18. Luft L. Perdas e ganhos. 10ª ed. Rio de janeiro: Record; 2003.
19. Kelley P. Family centered practice with stepfamilies. Families in society. The journal of contemporary human services. New York1996; 77(9):535-543.
20. Visher E, Visher J. Old loyalties new ties. New York: Brunner-Mazel;1988.

Lima BL.

Reconstructed family: the new reconstruction of the...

21. Sager CJ, Walker L. (Org.). Treating the remarried family. New York: Brunner-Mazel;1983.
22. Ahrons CR. Divorce: Na unscheduled family transition. In: Carter B, McGoldrick M. (Org.). The expanded family life cycle: individual, family and social perspectives. 3^a ed. Boston: Allyn & Bacon;1999.
23. Bateson G. Mind and nature. New York: E. P. Dutton; 1979.
24. Andolfi M. Por trás da máscara familiar: um novo enfoque em terapia familiar. 3^a ed. Porto Alegre: Artes Médicas;1989.
25. Nichols MP, Schwartz RC. Terapia Familiar: conceitos e métodos. 3^a ed. Porto Alegre: Artes Médicas;1998.

Sources of funding: No

Conflict of interest: No

Date of first submission: 2008/03/14

Last received: 2008/04/08

Accepted: 2008/04/10

Publishing: 2008/07/01

Address for correspondence

Iana Bezerra Lima

Rua Xavantes, 226

CEP: 52070-180 –Casa Amarela, Recife (PE),

Brasil